



Rupturas do Vestir: A Moda Como Contestação do Estado Novo Português

Sofia Lopes Ribeiro | sofia.lr@aluno.ifsc.edu.br¹
Kárittha Bernardo de Macedo | karitha.macedo@ifsc.edu.br²

Trabalho de Ensino e Pesquisa
DT 1 - Cultura, Comunicação, Territórios e Mediações Organizacionais

Resumo:

Durante os anos finais do Estado Novo português (1972–1974), a sociedade vivia sob forte repressão política, moral e estética, refletida também no controle dos corpos e do vestuário, especialmente feminino. Nesse contexto, a moda passa a ser compreendida como espaço de expressão e tensionamento. Este trabalho investiga a boutique “A Maçã”, fundada por Ana Salazar em Lisboa em 1972, buscando compreender seu papel como espaço de resistência cultural no salazarismo tardio. A pesquisa baseia-se em levantamento bibliográfico e análise documental de duas reportagens jornalísticas portuguesas, examinadas por meio da Análise de Conteúdo. Foram identificadas categorias que evidenciam a tensão entre identidade imposta e experimentação estética. Observou-se que pequenas transgressões no vestir já funcionavam como resistência, intensificada na boutique como prática criativa. A introdução de referências internacionais e a criação de um ambiente inovador transformaram o espaço em ponto de inflexão cultural, atuando como mediador entre repressão e liberdade no período que antecede a Revolução dos Cravos.

Palavras-chave: moda; resistência; “A Maçã”; Estado Novo português; Ana Salazar

Introdução

Nos anos finais do Estado Novo português, o controle do regime atravessava não apenas a política, mas também os modos de vestir e se expressar. O vestuário, especialmente feminino, era regulado por padrões morais rígidos, operando como extensão da disciplina corporal. Nesse contexto, a moda revela-se como espaço de tensão, no qual, mesmo sob repressão, emergem brechas para novas subjetividades.

A boutique “A Maçã”, fundada por Ana Salazar em Lisboa em 1972, insere-se nesse cenário como mais que um espaço comercial: um ponto de encontro de ideias e

¹ Estudante do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, do Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Gaspar.

² Docente do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, do Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Gaspar.

experimentações, que incorporava influências internacionais e propunha novas formas de pensar o vestir.

Este estudo busca compreender como, em um contexto repressivo, a moda pôde atuar como forma de resistência simbólica. O objetivo é investigar a boutique como espaço de contestação cultural, evidenciando o papel do vestir na produção de novas formas de expressão e liberdade.

Fundamentação teórica

A análise feita nesta pesquisa parte da compreensão da moda como um fenômeno social e cultural que ultrapassa sua dimensão estética, atuando como linguagem capaz de produzir sentidos, identidades e formas de posicionamento no mundo. Nesse sentido, o vestuário é entendido como um sistema simbólico, conforme propõe Barthes, no qual roupas, formas e estilos participam de uma rede de significados socialmente construída. Essa perspectiva permite pensar o vestir não apenas como reflexo de um contexto, mas como prática ativa na construção de subjetividades.

Essa abordagem se articula a partir de contribuições de Foucault, especialmente no que se refere às relações entre poder, corpo e controle social. No contexto do Estado Novo português, o vestuário pode ser compreendido como um dos dispositivos por meio dos quais normas morais e comportamentais eram reforçadas, sobretudo em relação ao corpo feminino. Assim, a moda operava tanto como instrumento de regulação quanto como campo de possíveis tensionamentos. Ao mesmo tempo, autores como Wilson e Lipovetsky ajudam a compreender a ambiguidade da moda, que, mesmo inserida em sistemas de controle, abre espaço para expressão individual e transformação cultural.

No caso da ditadura portuguesa, estudos de Cristina Duarte, Paula Guerra e outros autores evidenciam como a moda participou de processos mais amplos de mudança cultural. É nesse cenário que se insere a atuação de Ana Salazar (1941 - atualidade), cuja boutique “A Maçã” pode ser compreendida como um espaço de mediação entre referências internacionais e o contexto local, contribuindo para a emergência de novas sensibilidades.

Do ponto de vista metodológico, a análise foi realizada a partir da Análise de Conteúdo, que possibilitou a construção de interpretações mais amplas sobre os sentidos dentro dos artigos e discursos analisados. Esse processo considerou também o lugar de quem analisa, entendendo que a interpretação não é neutra, mas atravessada por contextos, referências e perspectivas.

Dessa forma, o trabalho se insere no campo dos estudos de moda sob uma perspectiva interdisciplinar, articulando história cultural, sociologia e teoria social, e contribuindo para ampliar a compreensão da moda como prática social, política e cultural.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa possui caráter qualitativo, exploratório e interpretativo, alinhando-se ao objetivo de compreender a moda como linguagem de resistência em um contexto histórico específico. O estudo parte de um levantamento bibliográfico, que fundamenta teoricamente a análise, e de uma pesquisa documental, centrada em materiais jornalísticos portugueses relacionados ao período final do Estado Novo (1972-1974).

O corpus da pesquisa é composto por duas reportagens jornalísticas: “Salazar controlou tudo. Até os ousados fatos de banho das refugiadas” (Expresso, 2016) e a entrevista “Acho que a roupa é uma coisa para brincar” (Observador, 2016). A seleção dessas fontes foi orientada por critérios de pertinência temática, qualidade editorial e densidade narrativa, considerando sua capacidade de abordar tanto o contexto sociocultural do regime quanto a atuação de Ana Salazar e da boutique “A Maçã”. A escolha por um número reduzido de materiais está relacionada à proposta de aprofundamento analítico, priorizando a interpretação detalhada em vez da amplitude quantitativa.

A análise dos dados foi realizada por meio da Análise de Conteúdo, operacionalizada a partir da construção de uma planilha comparativa. Inicialmente, foi feita a leitura integral dos textos, seguida da definição de categorias temáticas, como identidade, resistência silenciosa, inovação estética, corpo e moralidade e ambiente sociocultural. Em uma segunda etapa, trechos relevantes foram selecionados e



organizados nessas categorias, permitindo identificar recorrências, aproximações e contrastes entre os materiais analisados.

Na etapa final, as informações foram contrapostas e interpretadas à luz do referencial teórico adotado, possibilitando a construção de inferências sobre os sentidos produzidos pelos discursos. Esse processo considera o papel do pesquisador na análise, reconhecendo que a interpretação é situada e atravessada por perspectivas teóricas e contextuais.

Quadro 1 – Análise de Conteúdo com pontos principais de cada artigo

	Identidade	Identidade étnica	Invenção e subversão étnica	Características do ambiente sociocultural	Contribuição da biotique e funcionamento	Corpo e moralidade
Expresso – “Salazar controlou tudo. Até os ousados fatos de banho das refugiadas”	1. Se fala da identidade moral, social e nacional, o que era imposto pelo Estado Novo 2. Acentua-se a regulamentação do traje de banho, que tinha como objetivo “trazer para a sociedade pública” e evitar a “corrupção da cultura” 3. A identidade étnica era totalmente conservadora, sendo pautada pelos costumes tradicionais e pela igreja católica.	1. Traz como exemplo os refugiados e estrangeiros que residiam em Portugal há muito tempo, que utilizavam fatos de banho considerados “ousados” por serem de tecidos conservadores. 2. Representam uma forma de choque e uma pequena resistência de forma identitária (cultura diferente). 3. Esses fatos traziam em si um desafio à que era imposto em Portugal naquele período.	1. A subversão étnica aparece como os “ousados fatos de banho” dos estrangeiros, que “incutiam desconfiança aos conservadores”. 2. Corpo demais amoldado era considerado uma forma de ameaça aos bons costumes. 3. Conselho de controle estatal do corpo feminino, controla essa limitação étnica imposta que limita o comprimento de saia, e define como o corpo feminino ser coberto.	1. O regime do Estado Novo, o moralismo, influência da igreja católica, cultura de pudor, papel social da mulher, tudo muito regulado. 2. Portugal nos anos 40, 50 com uma sociedade bastante fechada, com pouca exposição a costumes de fora, falta o choque trazido pelos refugiados que vinham de lugares mais “livres”. 3. Traz também observações sobre classes sociais: mulheres de classes mais baixas eram menos aderentes de conservadores, mas, as mais inclinadas a aderir os melhores. 4. Pressão e importância da imprensa e da propaganda (OPEV, MPEV, imprensa católica).	O texto não é biotique como negação, mas sim na legislação. 1. Localização, inspeção de ruas, repulsa, multa. 2. Traz uma legislação estatal, um controle social e legal sobre o que se podia usar, onde, quando, e até qual tamanho. O funcionamento é top-down. Estado regulando vestimenta, imprensa e organizações feministas mobilizando pressionando sociedade.	1. O corpo feminino é tratado como um espaço de vigilância moral, devendo ser controlado e regulado pelo Estado. 2. A exposição do corpo (especialmente em locais de banho) é associada à imoralidade e à “corrupção dos costumes”. 3. Cria uma padronização do que é considerado um corpo “correto”, baseada em valores conservadores e religiosos. 4. O vestuário funciona como mecanismo de controle do corpo, reforçando a ideia de pudor como valor social. 5. A moralidade é imposta de forma institucional, através de leis, regulamentação e punições. 6. Corpos que fogem à norma (como os das estrangeiras) são vistos como ameaça à ordem social e moral. 7. O controle do corpo está diretamente ligado ao controle do comportamento feminino e do papel da mulher na sociedade.
Observador – “Ana Salazar – Acho que a roupa é uma coisa para brincar”	1. Identidade vem com o sentido de sempre ser o tradicional, fazer originalidade 2. fala da identidade como algo que define uma estética, uma marca 3. escolhas estéticas identitárias (estilo e inovação)	1. Ana Salazar aparece como pioneira, inovadora, ela importava roupas de Londres, experimentava com tecidos, modelos, costurava peças próprias, usava desfiles “famosos” (“fashion em casa”). 2. Percebia em Portugal estilos novos, modernos, contrários para questionar o tradicional. 3. Sentia uma subversão étnica no sentido de questionar o que “é bonito” ou “acadêmico”, de trazer liberdade de forma, cor, cortes. 4. Quando via passava a comercializar peças de confecção própria? 5. Depois de 1974, foi da Dinamarca. 6. Não tinha intenção de desmontar as minhas próprias peças e a vendê-las na loja. Era uma forma de mostrar que também aqui se podia fazer roupa moderna.” (Silvina de Freitas do Observador e da entrevista na 1974 - 40 anos da carreira de Ana Salazar) 7. Era mais desfilava na Dinamarca? 8. Ana Salazar comenta que na primeira desfilou em um salão em espaço pequeno, muito antes de outros salões de moda em Portugal. Em algumas entrevistas, ela menciona que originou a apresentação na própria loja, o que se desfilou assim que “performance”, com encenações e música, uma forma de inovar e provocar no contexto da época. Isso era considerado subversivo, porque a moda em Portugal ainda estava muito associada à costura tradicional das mulheres feministas conservadoras (MPE e OPEV). Mas isso tudo aconteceu no período pós-ditatorial. 9. “Quem é a dona do desfile. Acho que as pessoas querem ver a roupa de outra maneira, não só a profundidade em cabides. Querem ver uma história em volta de cada coleção.” (Entrevista com Observador e entrevistas realizadas com Ana Salazar em 1974 - 40 anos da carreira de Ana Salazar - 1980-2021, em: MídiaLab)	1. Ambiente nos anos 60-70: abertura cultural, influência de Londres, movimentos artísticos, modernização, abertura mais urbana, clientes que queriam inovação, jovens quando se diferenciava. Clientes nacionais que começaram a surgir. 2. Ana e a loja M&M eram uma zona emergente de Lisboa. 3. Influência familiar (pai arquiteto, avô modista) que facilitou na consciência étnica da Ana. 4. O ambiente cultural de Lisboa nos anos de transição, 20-25 de Abril, tinha mais liberdade, libertação estética e emocional, diálogo entre moda, arte e cultura contemporânea.	1. Ana Salazar conta que a biotique é M&M nasceu de um impulso muito espontâneo e criativo, sem planejamento estratégico ou formação em moda. Ela e a amiga Maria da Carmo Ferreira decidiram abrir a loja em Lisboa, inspiradas pelas lojas londrinas de Carnaby Street, que vendiam roupas diferentes, jovens e inovadoras. 2. Não foi pensado como negação. Era uma vontade de fazer algo novo, diferente do que se via nas lojas portuguesas. Não queríamos fazer algo que os outros fizessem.” (Observador, 2020) 3. A loja foi criada com um estilo mais simples, roupas brancas, luz branca, clima charmoso e música ambiente. Algo completamente fora do padrão da época, quando as lojas eram repletas, rígidas. 4. Ela também fala que o nome “M&M” veio de uma associação à ideia de juventude, frescor e, ao mesmo tempo, de tentação, um símbolo provocado dentro da sociedade conservadora portuguesa (a contra a igreja que estava MUITO contra no início). 5. Ana conta que ela mesma ajudava a clientes a escolher roupas, combinava peças, sugeria cores de cabelo e até maquiagem. Isso criava uma relação íntima e estética com as clientes, uma experiência muito mais artística do que comercial. Ela selecionava pessoalmente as peças (a maioria importada de Londres no início) e depois começava a montar looks, adaptando tecidos, costurando saias, modelando detalhes, o que acabou sendo o ponto de partida do seu trabalho como criadora.	1. O corpo passa a ser entendido como espaço de expressão individual e criatividade. 2. A relação com a roupa deixa de ser moralizante e passa a ser lúdica e experimental. 3. Não há uma imposição rígida sobre como o corpo deve ser apresentado – estão abertas para múltiplas formas, estilos e identidades. 4. A valorização do corpo está ligada à liberdade estética, e não à sua repressão. 5. O estilo torna-se uma extensão da personalidade, compreendendo com padrões flexíveis de “modéstia” ou “conspicuidade”. 6. A moralidade deixa de ser central na construção da aparência, dando lugar à inovação e à autoexpressão. 7. O corpo, antes regulado, passa a ser ressignificado como suporte artístico e criativo.	

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados dos artigos “Salazar controlou tudo. Até os ousados fatos de banho das refugiadas” (Expresso, 2016) e “Acho que a roupa é uma coisa para brincar” (Observador, 2016).

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito acadêmico, articulando ensino e pesquisa ao mobilizar conhecimentos teóricos e metodológicos para a análise crítica de fontes históricas, contribuindo para a compreensão da moda como prática social e cultural.

Resultados e discussões

A análise dos materiais evidenciou que, no contexto final do Estado Novo português, o vestuário operava como instrumento de regulação social, especialmente sobre o corpo feminino, reforçando normas morais e comportamentais. Nesse sentido, a moda participava da construção de identidades normativas, para além da estética.

Por meio da Análise de Conteúdo, organizada em planilha comparativa, foram identificadas categorias centrais (identidade, resistência silenciosa, inovação estética, corpo e moralidade, contexto sociocultural e funcionamento da boutique), evidenciando tensões nos discursos analisados. No artigo do *Expresso*, predomina uma identidade regulada, na qual o vestir era vigiado e pequenas transgressões configuravam rupturas simbólicas.

Em contraste, a entrevista do *Observador* aponta uma mudança na compreensão do vestir. A partir da atuação de Ana Salazar, a moda passa a ser associada à experimentação e à liberdade. Nesse contexto, a boutique “A Maçã” emerge como espaço de produção de novas sensibilidades, no qual a resistência se estrutura como prática criativa.

Esse caráter se intensifica diante das limitações do regime: peças importadas não podiam ser comercializadas livremente, mas circulavam como referência simbólica, funcionando mais como imaginação do que como mercadoria. A boutique operava, assim, também como espaço de exposição e experiência.

A comparação entre os materiais evidencia a transição do controle e padronização para a abertura e expressão individual. Referências internacionais e uma estética jovem atuam como elementos de ruptura, reposicionando o corpo como espaço de expressão.

Os resultados indicam que a boutique “A Maçã” atuou como mediadora cultural, antecipando transformações da abertura democrática. Por fim, ressalta-se que a análise se baseia em um recorte limitado, constituindo uma leitura situada.

Considerações finais

Os objetivos deste trabalho foram alcançados ao permitir compreender a boutique “A Maçã” como um espaço simbólico de resistência cultural no contexto final do Estado Novo português. A análise das fontes evidenciou que a moda, para além da estética, atuou como linguagem capaz de tensionar normas sociais e produzir novas formas de subjetividade em um cenário de repressão.

A abordagem qualitativa, com uso da Análise de Conteúdo, mostrou-se adequada aos objetivos, possibilitando a identificação de categorias que estruturaram a interpretação. A organização dos dados em planilha comparativa contribuiu para o rigor analítico, embora o corpus restrito a duas fontes tenha exigido cautela na construção das inferências.

Entre as principais dificuldades, destaca-se a escassez de estudos que abordem a boutique “A Maçã” como espaço de resistência política. A literatura concentra-se majoritariamente na trajetória de Ana Salazar como fomentadora da moda de autor, deixando em segundo plano a dimensão simbólica de sua atuação antes da Revolução dos Cravos. Essa lacuna exigiu maior esforço interpretativo, mas também reforça a relevância deste estudo ao propor um novo olhar sobre o tema.

Nesse sentido, a boutique ultrapassava sua função comercial, configurando-se como um espaço social de experimentação e expressão, onde práticas dissidentes em relação às normas do regime podiam emergir.

Do ponto de vista formativo, o trabalho contribuiu para o aprofundamento teórico e metodológico, além de fortalecer uma compreensão crítica da moda como prática social, política e cultural. Como desdobramento, destaca-se a ampliação futura do corpus e o aprofundamento da investigação sobre outras manifestações de resistência estética no contexto português.

Por fim, a articulação entre ensino e pesquisa mostrou-se efetiva, ao mobilizar teoria em uma análise aplicada. A dimensão da extensão apresenta potencial de desenvolvimento, especialmente na difusão dos resultados, reforçando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Referências

- BARTHES, Roland. Sistema da moda. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2010.



LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MOURA, Catarina. Entrevista com Ana Salazar: acho que a roupa é uma coisa para brincar. Observador, Lisboa, 2016. Disponível em:

<https://observador.pt/especiais/ana-salazar-acho-que-a-roupa-e-uma-coisa-para-brincar/>

SOARES, Manuela Goucha. Salazar controlou tudo. Até os ousados fatos de banho das refugiadas. Expresso, 2016. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2016-09-01-Salazar-controlou-tudo.-Ate-os-ousados-fatos-de-banho-das-refugiadas>